

POTENCIALIDADES E DESAFIOS DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM ENFERMAGEM

Curitiba-PR – Maio-2014

Profa. Dra. Gabriela Eyng Possolli – Faculdades Pequeno Príncipe – gabriela.possolli@fpp.edu.br

Investigação Científica

Educação Superior

Teorias e Modelos

Inovação e Mudança

Interação e Comunicação em Comunidades de Aprendizagem

Relatório de Estudo Concluído

RESUMO

Na última década tornou-se evidente o vertiginoso crescimento da EAD relaciona-se com a evolução das TICs para criar novas formas de: acompanhamento e mediação pedagógica, progressos nos mecanismos de interatividade e ampliação da oferta de oportunidades de formação profissional. Os projetos de uso de TICs para educação em saúde precisam ser estruturados com base no conceito de distância transacional, que pondera a distância educativa não sob a perspectiva física, mas sob a ótica comunicativa. A pesquisa que embasou esse artigo partiu de resultados de pesquisas de instituições reconhecidas nas áreas de EAD e da saúde. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter documental na qual com base em uma pesquisa de literatura sobre as temáticas que circunscrevem o tema de pesquisa selecionaram-se alguns materiais e estudos que agregam dados e argumentos significativos sobre as TICs nas ciências biológicas, de modo especial, os recursos de EAD e sua aplicação na Enfermagem e na área da saúde. Desse modo, o artigo objetivou abordar as potencialidades e desafios das TICs na educação a distância em enfermagem. Para atingir tal objetivo partiu-se do panorama da EAD e dos números de sua representatividade. E então foram tecidas considerações quanto à formação do enfermeiro e dos profissionais da saúde e como as TICs podem contribuir para potencializar e aprofundar os processos de ensino-aprendizagem. O artigo estrutura-se em 4 partes, a saber: 1- Referencial teórico tratando do panorama geral da EAD e sua relevância como modalidade de ensino; 2- Procedimentos Metodológicos; 3- Apresentação e discussão dos resultados sobre a EAD na formação profissional em enfermagem e na área da saúde; 4- Conclusões e Recomendações.

Palavras-Chave: tecnologias de informação e comunicação; educação a distância; enfermagem; perspectivas atuais para educação em saúde.

1- Introdução

A reorganização da noção de tempo e espaço que a educação a distância (EAD) mediada por tecnologias da informação e comunicação (TICs) imprime à realidade das instituições de educação superior (IES) pode ser expressa por alguns

questionamentos: O distante pode ser perto? O que determina a distância entre coisas e pessoas? Estar em frente ou ao lado de alguém isso significa que estamos relacionalmente perto? O aluno que divaga na aula pensando em muitas coisas, está perto ou distante? Se um professor dá uma atividade para um grupo de alunos, enquanto faz outras coisas em sua mesa, está perto ou distante? Chega-se à conclusão de que a aula presencial pode ser distante, se for de corpo presente e mente ausente. Se relativiza a noção de espaço relacional, em que o perto depende da qualidade das relações e não da distância geográfica.

O tempo também pode ser relativo, já que os minutos e as horas de todos os dias são sentidos diferentemente, alguns parecem mais curtos ou mais longos. Prosseguindo na reflexão sobre o tempo: “As novas tecnologias educacionais de ontem podem não ser tão novas hoje para quem já as utiliza, mas podem continuar uma grande novidade, ou mesmo desconhecidas, para quem não teve contato com elas. O hoje continua sendo ontem para essa pessoa” (CASSIANI, DIAS, 2004, p.469).

A relatividade do tempo e espaço aplicada à EAD leva a perceber que uma ação pedagógica será distante se exercida por meio de textos, rádio, televisão ou softwares a um estudante isolado com pouca ou nenhuma interação com o professor e demais alunos. As TICs imprimem grande capacidade de interação entre os participantes em um ambiente de aprendizagem cooperativa apoiada por computadores (NITZKE, 2002). O que era distante pode se tornar perto conforme o tipo de interação realizada. Uma atividade via fórum virtual, por exemplo, consegue levar um aluno a expor suas ideias livremente, trocando experiências com colegas e professor, gerando oportunidade de aprofundamento mais livre, assim essa ação de EAD é próxima do indivíduo. Há uma ruptura espaço/temporal, em que o tempo e o espaço são mensurados segundo as necessidades e interesses dos envolvidos em um contexto pedagógico interativo e dinâmico.

O artigo estrutura-se em 4 partes, a saber: 1- Referencial teórico tratando do panorama geral da EAD e sua relevância como modalidade de ensino; 2- Procedimentos Metodológicos; 3- Apresentação e discussão dos resultados sobre a EAD na formação profissional em enfermagem; 4- Conclusões e Recomendações.

2- Referencial teórico

2.1 Panorama Geral da EAD: relevância da modalidade de ensino

Instituições de ensino passaram a empregar metodologias pedagógicas baseadas em TICs na EAD e para cursos presenciais. Os projetos de uso de TICs precisam ser estruturados com base no conceito de distância transacional, que pondera a distância educativa não sob a perspectiva física, mas sob a ótica

comunicativa. Desconsiderando desvios teóricos e práticos que ocorreram na implementação de ações de educação a distância, esta pode ser definida como um processo sócio-educacional: “contínuo e organizado, promovido por uma instituição de apoio, que permite ao aluno flexibilidade de espaço e tempo”. Com a utilização de diferentes meios, “é possível não só transpor distâncias geográficas – e mesmo temporais – como engendrar diferentes níveis de diálogo e, em consequência, partilhar conhecimento e construir saberes”. (SIQUEIRA, 2003, p. 15).

O vertiginoso crescimento da EAD relaciona-se com a evolução das TICs na criação de novas formas para: acompanhamento e mediação pedagógica, progressos nos mecanismos de interatividade e ampliação da oferta de oportunidades de formação profissional. A LDB 9.394/96 é o marco legal para a EAD como modalidade na Educação Superior, e ainda, propulsora de uma série de políticas e programas de expansão da educação superior. O decreto nº 5.622/2005 define EAD como modalidade educacional na qual:

a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (BRASIL, 2005, Art.1).

O Censo EAD.BR divulgado em outubro de 2013 pela ABED revela o panorama atual da EAD. A pesquisa contou com a participação de 284 instituições, sendo 231 instituições que oferecem formação a distância (92% do total, crescimento de 29% com relação a 2011), 21 que fornecem serviços de EAD e 32 professores independentes. Grande parte das instituições está nas Regiões Sudeste (46,8%) e Sul (20,2%), o restante está distribuído nas outras regiões do Brasil, com destaque para o Norte que tem aumentado a participação chegando a 7% em 2012. Uma parte razoável das instituições desenvolve exclusivamente cursos autorizados pelo MEC (27%). As que oferecem outros tipos de cursos, como cursos de extensão e de formação continuada de colaboradores, representam 68% das instituições.

A EAD no Brasil chegou a 5.772.466 de alunos em 2012. Mulheres que trabalham e têm até 30 anos representam o perfil mais comum. Alunas são maioria (51%) nos cursos autorizados e livres, já nos cursos corporativos os homens ganham. Estudantes entre 18 e 30 anos são maioria em cursos autorizados (50%) e em cursos livres (59%). Apenas nos cursos corporativos os alunos com idade entre 31 e 40 anos tem primazia. Ivete Palange, coordenadora do Censo EAD.BR, avalia a mudança progressiva no perfil dos alunos de EAD:

Antes, eram alunos mais maduros, já com alguma formação. Nos últimos anos cresceu o contingente de alunos mais novos. Isso se deve, em parte, à medida do MEC que autorizou as instituições educacionais a desenvolverem 20% das disciplinas dos cursos presenciais na modalidade a distância. Muitas instituições estão adotando essa medida com bons resultados e isso fez cair bastante a idade" (PALANGE, 2007, p.165)

As IES privadas concentram as matrículas, em cursos autorizados foram 69,8%, contra 17,4% nas instituições públicas, e nos cursos livres 59,7% em privadas. O número de universidades privadas é muito superior ao das públicas, assim como o de alunos, o que explica essa diferença (ABED, 2013). Dentre os cursos autorizados, a maioria é de nível superior: 1.571 de um total de 1.856. As áreas de ciências humanas e sociais são as mais procuradas, sendo Administração o curso mais oferecido pelas instituições que trabalham com ensino a distância, com 337 ao todo. O número de cursos tecnológicos oferecidos é de 191, atrás apenas das Licenciaturas (205) e de pós-graduação lato sensu (825). Em relação ao número de matrículas em 2012 os cursos tecnológicos tiveram 26% das matrículas e as licenciaturas 30,8%. Cursos tecnológicos são uma tendência por serem rápidos (cerca de 2 anos) e objetivos (concentrados em subáreas de conhecimento).

O Censo EAD BR 2012 confirma o Censo da Educação Superior 2012 divulgado pelo MEC em 09/2013. O levantamento apontou que, entre 2011 e 2012, as matrículas na EAD aumentaram 12,2% contra 3,1% nos presenciais. A EAD já representa mais de 15% do total de matrículas na Graduação. Dos estudantes matriculados no ensino superior a distância 72% estudam em universidades e 40,4% cursa licenciatura (bacharelados: 32,3%, e tecnólogo: 27,3%).

3- Procedimentos Metodológicos

A pesquisa que embasou esse artigo foi uma pesquisa bibliográfica de caráter documental, na qual, com base em uma pesquisa de literatura sobre as temáticas que circunscrevem o tema de pesquisa, selecionaram-se alguns materiais e estudos que agregam dados e argumentos significativos sobre as TICs nas ciências biológicas, de modo especial, os recursos de EAD e sua aplicação na Enfermagem e na área da saúde. Como pesquisa bibliográfica documental o foco esteve em recolher, analisar e interpretar as contribuições teóricas já existentes sobre a temática em estudo, com base dos pressupostos de Lakatos e Marconi (1996).

Desse modo, o artigo objetivou abordar as potencialidades e desafios das TICs na educação a distância em enfermagem. Para atingir tal objetivo partiu-se do panorama da EAD e dos números de sua representatividade. E então foram tecidas considerações quanto à formação do enfermeiro e dos profissionais da saúde e como as TICs podem contribuir para potencializar e aprofundar os processos de ensino-aprendizagem. Uma das motivações para a elaboração desse artigo foi fundamentar o planejamento e operacionalização de ações para uma instituição de educação superior filantrópica do Paraná que está em processo de consolidação de ações educativas baseadas em TICs como apoio ao ensino presencial de graduação, à extensão a distância e à pós-graduação, bem como para a formação de equipes multiprofissionais em saúde.

4- Apresentação e Discussão dos resultados

Por meio do panorama da EAD e dos números de sua representatividade, serão tecidas considerações quanto à formação do enfermeiro. Dentre as características fundantes da EAD tem-se a flexibilidade, o aumentando a oferta educativa, a revolução de práticas pedagógicas, e a reflexão crítica de conceitos tradicionais de educação, face à utilização de TICs. Sanino (2012) realizou uma pesquisa sobre os principais usos de TICs na enfermagem e cita algumas utilizações possíveis cada vez mais presentes nas IES:

Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), Sistemas de apoio à Decisão em Enfermagem, Informatização de atividades administrativas de enfermagem, capacitação em informática em enfermagem, visam a sistematização do conhecimento para qualificar a assistência e a gestão do cuidado. O uso dos recursos da internet também tem sido enfatizado (em algumas situações pela utilização da rede *wireless* institucional), principalmente por meio dos *chats*, comunidades e bibliotecas virtuais, *Sites* na Internet, Sistemas de informação em Enfermagem, Ambiente Virtual de Aprendizagem, Recursos em Multimídia, Telenfermagem e Simuladores virtuais. (p.2).

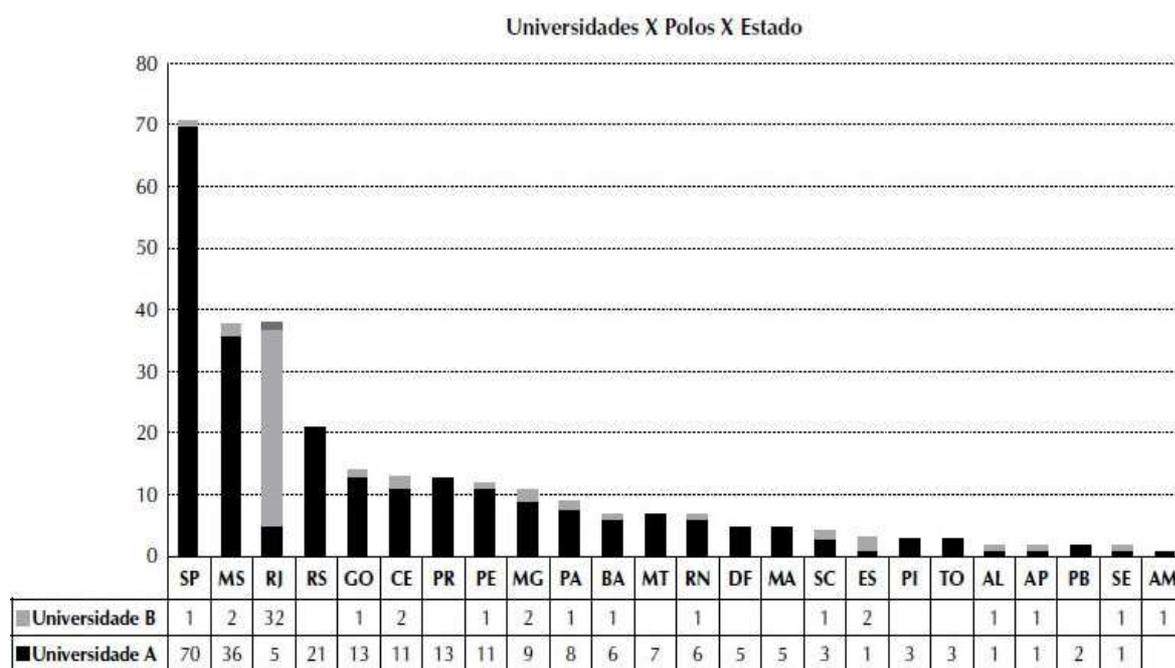
As TICs na formação do enfermeiro devem enfatizar as habilidades destinadas: à busca em sites acadêmicos e banco de dados da área da saúde; ao conhecimento ético do uso da informática em saúde e a utilização das tecnologias como ferramentas no exercício diário (softwares de tomada de decisão, simuladores, documentação) e prontuário eletrônico. Com vistas à possibilitar a atualização de conhecimentos em informática de forma relevante e efetiva. No ensino os docentes podem se beneficiar do uso de registros acadêmicos de diários de classe e atividades online, vídeos instrutivos, correio eletrônico, fórum de discussão, videoconferência, portfólio na *web*, entre outros recursos. Contudo, um dos desafios postos para que ações a distância via TICs se efetivem na graduação em Enfermagem é a inclusão digital. Tecnologias digitais são parte irreversível do cotidiano no século XXI (celular, GPS, notebook, tablet, etc), porém uma parcela significativa da população permanece excluída do acesso a internet banda larga e equipamentos digitais. Assim as instituições educacionais precisam manter espaços com computadores para que os alunos possam acessar as TICs.

Dentre as razões para utilização de TICs na educação de Enfermagem, pontua-se que: cada vez mais Hospitais, Clínicas e Organizações relacionadas à atuação do profissional da Enfermagem fazem uso de métodos de registro, documentação e comunicação eletrônica, tornando a informática parte importante do currículo. Outra razão está em familiarizar os profissionais para busca consciente e criteriosa de informações na Internet, além de preparar para a comunicação online, orientação aos pacientes, coordenação de grupos de autoajuda, pesquisa de medicamentos e condutas de tratamento, atualização profissional, etc.

4.1 EAD e formação profissional em enfermagem

A recente política expansionista da educação superior no Brasil trouxe medidas que respondem às demandas de mercado e as pressões de grupos da sociedade civil para abertura de novos cursos e formatos. Em que se destaca a maior abertura de vagas para formação superior no período noturno e na modalidade a distância. Na Enfermagem a EAD é uma experiência recente que carece de acompanhamento e pesquisas. Pelo Censo da Educação Superior divulgados no 2º semestre do 2012, temos no Brasil 19.680 vagas para Enfermagem EAD, por meio de 291 pólos, em duas instituições, aqui denominadas de A e B. A instituição A oferece 16.800 vagas em 240 pólos de apoio presencial, enquanto a instituição B oferece 2.880 vagas em 51 pólos. (TEIXEIRA, 2013). O Gráfico 01, demonstra que os pólos para graduação em Enfermagem estão concentrados na região sudeste, onde a instituição A conta com 111 pólos (46% dos pólos da IES) e a instituição B tem 35 pólos (68%). A região Norte tem o menor número de pólos, juntando as duas IES tem-se 7,5% do pólos nos sete Estados da região.

Gráfico 01 – Distribuição dos pólos de EAD na Enfermagem, por IES e Estado, 2013



Fonte: Teixeira, 2013, p. 106.

A educação a distância pode ser uma forte estratégia de democratização do ensino, sobretudo para regiões de difícil acesso à educação. Contraditoriamente, a oferta de EAD para Enfermagem, aponta para concentração em regiões onde há grande oferta de cursos presenciais. A graduação EAD não ocorre 100% a distância e são realizados estágios e encontros presenciais, porém é um desafio utilizar esta modalidade para desenvolver a característica intrínseca da formação da Enfermagem: a destreza do contato humano em trocas que se estabelecem no ato de cuidar. A oferta maciça de vagas dos cursos de Graduação de Enfermagem à distância na mesma região que detém o maior número de vagas para o curso presencial e com melhor

desenvolvimento socioeconômico acaba por reforçar as desigualdades. Seria relevante se as políticas de EAD fornecessem incentivos para que as IES credenciadas estruturassem pólos nas regiões com maiores carências de oferta de formação profissional, de modo que a EAD preenchesse uma lacuna que a modalidade presencial não consegue suprir.

O Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), por meio de uma Minuta de Recomendação enviada ao MEC no final de 2012, recomendou que cursos de Enfermagem à distância não fossem reconhecidos. Esse documento teve grande repercussão nas redes sociais e nos conselhos de classe dos Estados. Nele o Cofen manifestou a intenção de que sejam revisadas as autorizações concedidas para a modalidade a distância. De acordo com o Cofen a Graduação em Enfermagem deve atender às Diretrizes Curriculares Nacionais de formação, com os seguintes requisitos (que seriam prejudicados na EAD como é feita nessas duas IES):

4.000h mínimas de duração do curso (Resolução CNE/CES nº 4/2009); titulação do corpo docente; relação professor/aluno adequada para atividades teóricas e práticas; campos de práticas definidos; e regras específicas para a realização de estágio curricular, de forma que os educandos obtenham as competências e habilidades suficientes para instrumentalizá-los ao exercício profissional seguro.(COFEN, 2012).

O Cofen não questiona a validade da modalidade a distância, mas questiona os moldes pelos quais as IES em questão estão realizando a formação. De acordo com as exposições colocadas na minuta, os conceitos do curso de Graduação de Enfermagem na modalidade à distancia precisam ser revisados e estratégias diferenciadas precisam ser aplicadas nos campos de estágios e demais atividades que serão presenciais para suprir lacunas no desenvolvimento de algumas habilidades e competências específicas.

5- Conclusões e Recomendações

Em consonância com a manifestação do Cofen e considerando o cenários atual de práticas e políticas de EAD, defende-se que o Enfermeiro deva ser formado presencialmente e que os recursos da EAD, dado todo seu potencial, devem contribuir como apoio ao presencial, a fim de consolidar, ampliar e diversificar as aprendizagens. Diretrizes específicas e novas políticas de acompanhamento e garantia de qualidade devem ser estruturadas para que o apoio em pólos presenciais e campos de estágio corresponda às oportunidades de formação que os alunos da modalidade presencial têm acesso.

De acordo com a legislação vigente (LDB 9394/96, Decreto nº2494/98, Portaria nº4059/2004) as instituições podem oferecer 20% das disciplinas do currículo, na modalidade semipresencial (por meio de disciplinas integrais ou parte da carga horária de diversas disciplinas). As possibilidades que as TICs proporcionam são vastas e inegáveis, sendo possível realizar estudos de caso com recursos de simulação e

realidade virtual até troca de conhecimentos e pesquisas em parceria com outras instituições de formação e de atuação profissional, trazendo vivências significativas que não seriam possíveis sem as TICs.

Outra possibilidade está em utilizar os recursos da EAD para formação complementar. Várias IES têm fornecido nivelamento em área como Língua Portuguesa, Redação e Matemática para auxiliar na superação de possíveis deficiências do Ensino Médio que interferem na aprendizagem na graduação. Cursos de extensão universitária oferecidos a distância, aprofundam temáticas que o tempo de sala de aula não permite abordar. Além disso, a educação corporativa a distância aplica-se à formação em serviço de enfermeiros em serviços de saúde, ou ainda, para aprimoramento de enfermeiros formados que trabalhem em diversos ramos que a profissão permite. Profissionais que estejam fora do mercado e desejem se atualizar podem também se beneficiar das possibilidades das TICs na EAD.

O crescimento exponencial do conhecimento nas ciências da saúde traz um grande problema para estudantes e profissionais: excesso de informação científica nova e obsolescência acelerada de conhecimentos adquiridos na academia. A esse respeito Sabattini e Cardoso (2012) pontuam que:

O acesso tradicional à informação por meio das bibliotecas médicas dificulta o ensino e a aprendizagem fora das grandes capitais e das grandes instituições. Sem atualização de conhecimentos teóricos e práticos, o profissional rapidamente perde competitividade e qualidade profissional, sendo alijado do mercado em poucos anos, dependendo de sua especialidade, de maneira notável nas ciências da saúde. (p.198).

Um bom exemplo da aceleração da produção de conhecimentos na área da saúde é a Medline, a maior base digital de publicações periódicas do mundo, mantida há cerca de meio século pela National Library of Medicine dos Estados Unidos. É espantoso perceber que em 1970 a Medline congregava cerca de 1,8 milhão de artigos e recebia cerca de 200 mil novos artigos por ano. No primeiro trimestre de 2011 a base possuía mais de 19 milhões de artigos, recebendo cerca de 1 milhão de novos artigos por ano. (SABATTINI; CARDOSO, 2012).

Sabattini e Cardoso expõe uma vasta listagem de estudiosos da educação em saúde que analisam o modelo educacional das graduações em saúde como sendo estático e resistente a mudanças há muito tempo. Os professores realizam os mesmos tipos de aulas e abordagens pedagógicas, com pouca inovação, centrando o aprendizado em si mesmos como controladores e agentes principais do processo educativo. “O ensino em saúde no Brasil é muito paternalista, com grande número de aulas magistrais, o que o torna dependente de um ensino presencial obrigatório” (SABATTINI; CARDOSO, 2012, p.199). Novos modelos de ensino em saúde, baseados em problemas (Problem Based Learning – PBL) e em trabalhos em grupo (Team Based Learning – TBL), temas transversais, projetos interdisciplinares, grupos de pesquisa, tem trazido inovações em algumas instituições. Porém, esses “novos modelos encontram resistências para penetrar nas mais de 600 faculdades e cursos de graduação nas 14 profissões reconhecidas da

área de saúde no Brasil. Neles o uso de tecnologias educacionais mediadas por computadores é de capital importância” (SABATTINI; CARDOSO, 2012, p.200).

Na última década a EAD consolidou-se como modalidade para a Educação Superior no Brasil, seguindo regulamentações específicas, além das diretrizes curriculares e demais normativas de cada curso. É inegável que “a história da educação em saúde pode ser percebida em duas eras distintas: antes e depois da Internet”. (SABATTINI; CARDOSO, 2012, p.205). Os recursos da EAD constituem, por meio das TICs, uma inovação necessária ao ensino de enfermagem e na área da saúde em geral. Essa inovação não ocorre apenas em termos de espaço e tempo, mas também em dimensões psicológica, sociológica e pedagógica.

Alguns profissionais da saúde, resistentes à informática, têm uma mudança a ser feita é cultural, concernente aos hábitos de trabalho. Uma proporção cada vez maior de profissionais da saúde está aculturada com as TICs por meio da revolução trazida pela Internet, para eles a evolução é natural a medida que utilizam recursos da informática como suporte às atividades diárias dentro e fora da profissão. Alguns conhecimentos de formação em saúde exigem o aprendizado vivencial e de “beira de leito” sendo pouco viáveis de se realizar por meio de TICs. Um estudante de enfermagem precisa ser orientado a aprender na vivência presencial com os pacientes como conduzir estratégias para entrevistá-los e cuidá-los, buscando perceber o que está além do que é expressado. Em uma perspectiva de complementação, as técnicas e dicas para realizar uma punção venosa, por exemplo, podem ser trabalhadas por meio de TICs, com suporte de textos, vídeos e simuladores, sendo indispensável a prática para validar a aprendizagem.

Com a demanda crescente por educação continuada, com o uso de TICs na educação em saúde em todos os níveis, apresentam-se desafios para o futuro. Um deles é ampliar a oferta de educação continuada de qualidade, certificada e com custo justo para milhões de profissionais da saúde no Brasil. Segundo dados de 2012 há um contingente de “350 mil médicos, 1,2 milhão de enfermeiros, 200 mil dentistas, com um crescimento médio anual variando de 5 a 20%” (SABATTINI; CARDOSO, 2012, p.206). A dispersão geográfica e desigualdade de distribuição de profissionais no Brasil tornam a EAD pertinente para levar educação para todos. A interiorização e distribuição proporcional de profissionais da saúde em todas as regiões do país é uma necessidade urgente há bastante tempo. A EAD tem condições de ajudar a reverter esse quadro. Para se ter uma ideia da desigualdade das oportunidades de acesso à saúde no Brasil, dados do CFM de 2011 mapearam a distribuição dos médicos, aferindo que 89% dos médicos residiam nas 160 maiores cidades brasileiras, os 11% restantes estavam em 2.600 cidades. Apenas o Estado de São Paulo detém um terço dos médicos. (CFM, 2013).

A integração das novas tecnologias digitais ao ambiente educacional impõe mudanças estruturais, nos processos institucionais, na postura discente e nas formas de ensinar e avaliar. A formação do enfermeiro está voltada para o atendimento às necessidades de saúde do indivíduo e da coletividade, utilizando para isso os meios tecnológicos compatíveis com os avanços atuais. O momento histórico e cultural

intensificado nas últimas duas décadas trouxe uma grande demanda por educação e conhecimento. Essa demanda vinculada às TICs contribuiu para o desenvolvimento e consolidação da EAD “como modalidade do futuro, provavelmente vivendo novas etapas, com ênfase na integração de meios, em busca da melhor e maior interatividade”. (SARAIVA, 1996, p.17). Da leitura impressa (que ainda dá suporte a várias ações em EAD) passou-se para a leitura eletrônica (em monitores de variados equipamentos) em dispositivos conectados à redes de computadores e à internet. Essa rede tecnológica possibilita e fortalece a EAD, gerando um leque imenso de oportunidades para a formação inicial e continuada dos profissionais da saúde.

Referências

- ABED. Associação Brasileira de Educação a Distância. **Censo EAD.BR: Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2012 = Censo EAD.BR: Analytic Report of Distance Learning in Brazil** [traduzido por Opportunity Translations]. Curitiba: Ibpex, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei Federal nº. 9.394, de 20.12.1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº. 2.494, de 10.02.1998**. Regulamenta o Art. 80 da LDB (Lei nº. 9.394/96). Diário Oficial da União, Brasília, 10 fev. 1998. Disponível em: <http://www.unirio.br/cead/pdf/D2494.pdf>.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Ministerial nº. 4.059, de 10 de dezembro de 2004**. Diário Oficial da União, Brasília, 10 dez. 2004. Disponível em: portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/nova/acs_portaria4059.pdf.
- BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº 5.622/2005. Diário Oficial da União, Brasília, 19 dez. 2005. Disponível em: portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf
- CASSIANI, Silvia Helena De Bortoli; DIAS, Denise Costa. Educação de Enfermagem sem distâncias. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. n.38. 2004, p. 467-74.
- CFM. Conselho Federal de Medicina. **Demografia médica no Brasil**. Disponível em: <http://www.cremesp.org.br/pdfs/DemografiaMedicaBrasilVol2.pdf>. Publicado em: Fevereiro/ 2013.
- COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Minuta ao Ministério da Educação sobre Cursos de Graduação em Enfermagem na modalidade à distância**. Disponível em: http://novo.portalcofen.gov.br/cofen-recomenda-que-cursos-de-enfermagem-a-distancia-nao-sejam-reconhecidos_16039.html. Publicado em 07/10/2012.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Pesquisa. 3.ed. rev.e ampl. São Paulo: Atlas, 1996.
- NITZKE J.A.; CARNEIRO M.L.F.; FRANCO S.R.K. **Ambientes de aprendizagem cooperativa apoiada pelo computador e sua epistemologia**. Rev Inform Educ: teor prá 2002; 5(1):13-23.
- PAI ANGE. Ivete. **Cursos online: indo de faz de conta?**. In: IV Simposium of Education. Cybernetics and Computer Science - jul/07. 2007. Orlando. IV Simposium of Education. Cybernetics and Computer Science - jul/07. International Institute of Informatics and Systemics, 2007. v. II. p. 162-167.
- SABATTINI, Renato M. E; CARDOSO, Silvia H. **O setor de saúde e a EAD**. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos. (orgs). Educação a distância: o estado da arte. 2.ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.
- SANINO, Giane Elis de Carvalho. **Educação a distância em Enfermagem: fascínio e desafios**. São Paulo: UNIP, 2012.
- SARAIVA, Terezinha. Educação a distância no Brasil: lições da história. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n.70, abr/jun 1996.
- SIQUEIRA, V. L. A. **Representações em educação on-line: um estudo das ‘falas’ na perspectiva dos sujeitos aprendizes**. Brasília: UnB, 2003.
- TEIXEIRA, Elizabeth (et al). Panorama dos cursos de Graduação em Enfermagem no Brasil na década das Diretrizes Curriculares Nacionais. **Revista brasileira de enfermagem**. [online]. Vol. 66. p.102-110. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672013000700014&script=sci_arttext. Brasília: setembro/2013.